

O sentido de desordem que é característico do capitalismo e do Estado é palavra Anarquia, sentido que se tem generalizado em lugar comum, ocasiona gravíssimos erros de interpretação no princípio de liberdade. É frequente ouvir-se, a propósito da propaganda anarquista, comentários em que os adversários do anarquismo deixam transparecer o pavor de se ver um dia a humanidade à frente da, fundada de locustas assassinas e do mundo de ferro, no caso a Estado desaparecesse e com ele os meios de repressão do capitalismo: polícia, prisões, tribunais, etc. Nem por sombra pensa nos meios de defesa comunistas a todo o que se causa de desordem, do crime e de todos os outros crimes que caracterizam o regime ao que vivem, residem justamente na existência do Estado e da propriedade privada.

Se não existisse a propriedade privada — "A propriedade é um absurdo" — não haveria necessidade da existência do Estado para garanti-la.

MEDO DA LIBERDADE

e roubo não teria razão de existir se o produto roubado não representasse um valor aquisitivo. 75% dos crimes que aparecem nas estatísticas policiais de todo mundo, têm origem no princípio da propriedade privada. O conceito de posse, que se estende até ao reconhecimento da família, favorece os roubos. 25% dos crimes chamados passivismos. De maneira que, desaparecidos os crimes, com o advento de uma sociedade sem Estado e sem propriedade privada, deixariam de existir. "Ino-facto", os delitos consequenciais das desigualdades econômicas e sociais do capitalismo.

"civilização" capitalista, os índios do Brasil e os povos vermelhos do Oeste americano, para verificar que os crimes por roubo são inexistentes, e é indubitavelmente a porcentagem de crimes nacionais entre eles. Receber para quê e para quem, se toda a vasta região de que dispõem está cultivada entre as diversas tribos que não necessitam de comprar produtos roubados e não dispõem de dinheiro para fazê-lo? É claro que não se pretende, com a queda do Estado em regime comunista-libertário, transformar os povos "civilizados" em conglomerados humanos levados nos seus povos indígenas que vivem sob a tutela dos chefes de tribos, embora livres de uns

tantos preconceitos adquiridos pelo homem em contato com o regime capitalista; ao contrário, o regime de liberdade preconizado pelos anarquistas baseia-se no aproveitamento de todas as energias humanas entrecortadas pelos convencionalismos científicos e artísticos de que o homem dispõe, produto das iniciativas e pesquisas às quais é levado pela sua ansiedade de saber e descobrir, isto é, pela sua irreverente curiosidade! É este aproveitamento vivo e bem estar de todos no sentido mais elevado da concessão da vida: liberdade e fartura. Quer dizer, ausência de miséria e ausência de conflito.

de e não deve ser tomada no sentido de desordem, mas na mais elevada expressão da ordem, porque corresponde à existência de um estado de coisas harmoniosas baseadas no princípio da solidariedade. É a ordem natural, não a ordem imposta; consuetudinária, produto de uma necessidade sentida pela coletividade para salvaguardar a sua existência livre, não fruto do medo à repressão e calculado nas páginas do Código Penal!

O medo que os adversários do anarquismo manifestam de ver a sociedade, transformada em bandos de salteadores, com o desaparecimento do Estado, só pode ser explicado pelo complexo de inferioridade que o indivíduo adquire vivendo sob a tutela do Estado e em contato com os seus atos repressivos. Este complexo de inferioridade diminuído, anulado e insignificante, que não concebe a vida sem as complicações do mundo capitalista? Anulada, como se fosse uma coisa porosa, a medo da liberdade!

Todo poder autoritário leva um desejo de domínio e este desejo é precisamente a antítese do progresso.
ANSELMO LORENZO

A PLEBE

SÃO PAULO, FEVEREIRO DE 1951 ANO 33 — NUM. 31 (Nova fase)

Pensar que o Estado possa servir de escada, como intermediário, ao colossalismo, é desconhecer completamente a origem do poder.
ANSELMO LORENZO

DA ITALIA E VIVA A REPUBLICA!

Um grupo de viúvas de guerra juntamente com outro grupo de mutilados, em um dos últimos domingos, aqui em Roma, fizeram a festa. Incompreensível com os festejos que correm, de sair à rua com flores e bandeiras nacionais e visitar o altar da Patria. Tinham a intenção de promover, em frente ao túmulo do soldado desconhecido, uma invocação à paz, do generoso que costuma fazer sua saudade por ocasião do fim de ano. E tanto bastou para que se vissem inesperadamente agredidas de uma forma selvagem por parte das forças armadas da polícia.

Em clima daquele simbólico cavau da sua estalada, Vittorio Manuel II observava a cena e parecia dizer: E hom feio! Quisestes a república democrática e por cima cristá, aí a tendes!

Evidentemente, voltaram os velhos tempos em que bastava que quatro pessoas parassam a conversar em qualquer esquina da rua, ou que um modesto enterro de operário oussasse desembocar na Via Nazionale, para que um comissário de polícia carregasse à festa e um trombetaire incitasse os agentes policiais a atirar-se contra a gente que fugia lemeudo: ser pisada pelas patas dos cavalariões. Mas então havia o comissário que acatejava a panga e evitava o fasselmo. A república os imprimiu e fez uma constituição "liberal" que não admite nem mesmo que se perca tempo em saber o que acontece para manifestar o seu zelo a ordem publica.

As viúvas de guerra de amanhã, e os mutilados que voltarão da próxima guerra, ficam avisadas, por esses acontecimentos de domingo, do que seria também para elas, a gratidão da patria, onde do reino a democracia da cruz e do manguealo.

ORAÇÃO

(segundo ideias)

"Na consciência de todos aqueles que se dão ao trabalho de analisar o estado social presente, existe a convicção profunda de que todos os seus males só poderão terminar de fato se uma revolução universal se produzir que anule as instituições que sustentam as diferenças de classes e condições. Esta humanitária revolução se propõe levá-la a cabo a Associação Internacional dos Trabalhadores, e, para conseguí-la, considera que sendo o trabalho absolutamente necessário para a vida da humanidade, deve ser ele a base fundamental da Constituição social, e que os trabalhadores são os encarregados de sua realização, para o que se torna imprescindível que eles se organizem universalmente."

(Em um Congresso Anarquista de Barcelona, em 1924).

DESFILÉ DE FARRAPOS HUMANOS!

CRIANÇAS MORRENDO DE FOME E CASOS DE LOUCURA NA TRAGEDIA DO IMIGRANTE NORDESTINO — UM PROBLEMA QUE SE ARRASTA SEM SOLUÇÃO HÁ VÁRIOS ANOS



ORIGINAL DE KÄTHE KOLLWITZ - ARTEFATO DE 1907

Se nos temos referido varias vezes ao trágico desfile de farrapos humanos que se ode depara nas imediações da estação do Norte (Presidente Roosevelt), sempre que uma leva de imigrantes nordestinos chega a São Paulo. Quando conglomerados de miséria humana, de sordidez e indigência, podem ser contemplados em quase todas as ruas da capital brasileira, desta grande cidade cheia de arrabaldes e de anjuzos cubertos que dançam a sintonia da riqueza. Crianças em suas vestidas de trapas agarradas aos trapos sem cor das saias das mães, figuras esqueleticas de mulheres em cujas fezes a miséria imprime o rito da tragedia e do sofrimento, andando átonas pelas ruas em busca de um miserável centavo que lhes mate a fome; homens que mas parecem fantasmas da dor, mecos envelhecidos pela miséria cotidiana nos rostos sem vida do nordeste que vêm atraídos pelas fulgurantes luzes-cores da cidade trazendo atrás de si, como leatro do vergonha e indigência, a mulher e os filhos, e que se chocam aqui, quando não morrem de fome no caminho ou não se tomam presas da loucura pelo sofrimento excessivo por uma viagem sem conforto, se atiram à rua a mendigar expondo a sua miséria nas calçadas e esquinas dos vicinios, confiados na generosidade dos que passam ou no pavor que a sua miséria inspira.

de que é o "maior centro industrial da América do Sul"...

de nome Aristides Clementino Pereira, filho de Vicente Pedro Ferreira e Fláuciana Clementina da Silva, vindos do Sítio Conceição, município de Satanaço, Estado do Ceará. A polícia local compareceu uma estação, fazendo imediatamente retirar a criança falecida no centro. A morte foi constatada pelo médico legalista. O acidente foi causado pela submissão da mãe do criança que se encontrava bastante abatida e fraca. Ajuda em caso de loucura entre os retirantes, foi constatado, naquela noite, tendo a polícia local tomado as necessárias providências.

Mas não é apenas o imigrante nordestino que oferece todos os dias esse espetáculo prova de desorganização social da sociedade capitalista: quem se quiser dar ao trabalho de verificar o que se passa nas imediações das estações ferroviárias que dão acesso às viagens para a interior do Estado, poderá constatar essa mesma miséria degradante nas famílias de embulcos que abandonam o campo, fugindo à exploração que reina nas grandes fazendas e vem procurar nas fazendas uma nova forma de serem explorados que lhes permita, em todo caso, viver. É a tragedia dessa sorte o local de imigrantes nordestinos: espalhados aqui a miséria, a prostituição, a degradação de crescer nas poças infetadas e o crime!

Quando alguém tentava abandonar a fazenda para tentar vida melhor, o que nunca lhe adiantava era ter um tio pelas costas no anzote: já mau tratado dos feitores. Por isso é que, no chegarem a São Paulo, os imigrantes nordestinos preferem morrer de fome na cidade, do que esperar de alguns dias poderem arranjar trabalho, e tem por campo servir à exploração "vergonhosa dos fazendeiros que ainda tem mentalidade de donos de senzalas."

Não esqueceramos na pintura deste quadro doloroso. Ao contrário, falta-nos a capacidade descritiva, e por isso o realismo era dessa tragedia que começa todos os dias e não tem fim; que se arrasta há varios anos sem solução nesta plebeira de vida e esbanjamento de milhões na propriedade eleitoral e na ostentação do poder do Estado. Ainda há pouco tempo, os vespertinos desta capital noticiavam, em seus manifestos sensacionalistas, que fôra ocorrido na estação de Tatuapé com um trem de retirantes nordestinos. Transcoveiros do "Diário da Noite", de 12-2-51, e significativo trecho de sua reportagem sobre o fatico acontecimento, que se deve à impopularidade do Estado e à in peridade das autoridades em solucionar o angustiante problema do Nordeste:

MORREU DE FOME

A falta de assoio e de água nos carros sucumbia a trágica situação dos retirantes. Disseram à nossa reportagem que estavam viajando há mais de 48 horas. A estação de Tatuapé foi tomada de um drama da vida do retirante nordestino. Ali, sem que lhe fosse prestado qualquer auxílio, veio a falecer uma criança com 1 ano e 7 dias de idade.

A Ordem Burguesa...

Um "TIRA" QUE É MESMO DE BRIGA...

"Adunício Orizês é mesmo um "tira" que gosta de briga. As suas bravatas já estavam quase desparecidas da cronica policial, quando ele resolveu festejar o retorno de Momo."

Isso foi no dia 4, à tarde. Em seu carro, em companhia de mais cinco colegas do Departamento de Investigações, foi para os lados de Santana, onde, na rua Garandiru, quase atropelou José Paulino, morador à rua Pietua, 159, que acabava de sair do bar "Gasolina".

PROTESTOS

Como é natural, julgando imprudência do motorista, José Paulino protestou. Mas o seu protesto custou-lhe caro, pois o Adunício, conhecido por "Protein" foi ao seu encontro e a bofetadas levou-o para seu automóvel. Ali estavam mais cinco companheiros daquele policial, que logo passaram a espancar a vítima.

Erão 15:50 horas e somente às 17:30 horas, depois de ser surrado covardemente e de receber uma série de bastões, José Paulino foi solto na avenida Tiradentes.

Otens, finalmente, com o corpo coberto de equimatos, o Adunício apresentou-se na 9.ª Delegacia, onde prestou declarações no inquerito instaurado e foi submetido a exame de corpo de delito."

("A Noite" — 8-2-51)

É assim a ordem no regime capitalista: a ordem burguesa é esse paradoxo absurdo da autoridade...

ESPALHADOS

A HISTORIA DO CAFÉZINHO

Foi prolongado por mais 15 dias, a experiência do aumento do cafézino. (Das Jornais)

Quem no governo acredita, — E há por si muita gente — Não percebe que é só fita? Fica mancha indelével!

A C. E. P. não consente. — De ao novo mundo anda. — Que o cafézino não queira. — Só uma droga malda.

Se no caso da 50. — Os indústrias e dragagem. — A C. E. P. os contenta.

Mas, por favor, se não atrejam. — Nessa experiência se atenta. — Não facia que os outros vejam. — FRI JOÃO SEM CIDADÃO.

NO ANO 2.000...

Achamos interessante tomar como base as palavras de M. Berthelot, pronunciadas em um discurso durante um banquete do aniversário de fundação da Associação Internacional dos Trabalhadores, citado por Antonio Laranjo no livro "Proletariado Militante".

Achamos isso interessante porque M. Berthelot tem, há muitos anos, uma visão arrojada da que será a vida no ano 2.000, talvez com um pouco de fantasia, mas, em todo caso, a nossa era atômica parece confirmar o seu vaticínio. Diz M. Berthelot:

"No ano 2.000 não haverá agricultura, não haverá nem lavouras; o problema da existência pelo cultivo do solo estará suprimido pela química. Não haverá mais de curvina, nem áreas de minérios por explorar; nem combustíveis, nem adubos, nem geradores, nada substituído por simples operações físicas e químicas que consistam em as forças produtivas extrair da natureza a energia necessária para produzir energia elétrica e o calor central do nosso globo.

"Ao fundo de poços de três ou quatro quilômetros irão os engenhos, buscar o calor central, fonte de energia termo-elétrica sem limites e renovada incessantemente. Quem dirá fonte de energia elétrica ou elétrica, diz fonte de energia química. Com tal fonte, a fabricação de toda a sorte de produtos químicos é fácil, econômica, em todo tempo, em todo lugar, em qualquer ponto da superfície do globo.

"Ali encontraremos a solução completa de um problema cuja solução depende da química: o da fabricação de produtos sintéticos. Em princípio já está resolvida a síntese das gorduras e dos açúcares, vem sendo realizada desde há 10 anos a autor-promoção das células animais (modificando em 1938) — a dos açúcares e a dos hidratos de carbono se realiza com facilidade em nossos dias, e não está longe a possibilidade de síntese da carne animal. Assim, é possível não esquecer, o problema dos alimentos é um problema químico. O dia em que se consiga resolver economicamente o problema da energia, não se tardará muito em fabricar alimentos completamente artificiais, com o carbono extraído do gás carbônico, com o hidrogênio e o oxigênio extraídos da água, com o azoto que nos dá a atmosfera.

Basta cada qual levar a pastilhas de

em pequenos flocos a sua alimentação completa, fabricada economicamente, seu teor de caloria ou de seca e sem interesses possíveis.

"Aquele dia a química terá realizado no mundo uma revolução radical de alcance inestimável.

"Não haverá campos cobertos de menses, nem vilarejos, nem prados cobertos de colheitas de outono. O homem adotará maior docura e inocuidade porque já não viverá da entrança, da matança e das criaturas vivas. Não haverá distinção entre as criaturas fétidas e as regiões estériles.

"E praticar-se-á que os desleixos da agricultura em todos pontos de residência dos cidadãos humanos, porque serão mais saudáveis que estes atuais pestilentos e etas elias encharcadas e pantanosas que são os restos da nossa agricultura.

"E não desaparecerá por isso a beleza, si a superfície terrestre cessa de ser utilizada e, porque não diz-lo, designando-se esta hoje está para trabalhos que metidos do agricultor, voltará a colheita de verde, de baquias, de flores... a terra será um vasto jardim, em que reluzirá a beleza e a vida de ouro.

"Tudo que a realidade se realize, é preciso trabalhar, e por isso o homem do ano 2.000 trabalhará com zelo, porque ganhará o fruto de seu trabalho, e nesta remuneração legítima e íntegra, todos os homens encontrarão os meios para atenderem ao bem-estar e sua perfeição intelectual, moral e estética.

M. BERTHELLOT.



Aspectos de como este aqui estamos vendo, em cianes deixados no abandono enquanto os mãos vão trabalhar nas fábricas para atenderem às necessidades dos encargos da família, que atravessam as possibilidades dos salários dos respectivos pais, não com os bens ou bens onde mora a pobreza. Almoçamos com o poder, muitas vezes nos encontramos e ficamos "mandando" e trocando em outras crianças que, como elas, vivem a mesma vida de abandono e miséria. Desde montaram sem para engressar as fileiras da criminalidade infantil...

Movimento Anarquista Internacional

(Serviço de correspondência da AIT (Associação Internacional dos Trabalhadores))

TERRÍVEIS TORTURAS NOS CARCERES FRANQUISTAS

Em um carcere de Valência, comunicamos, está detida, desde há algum tempo, a ex-fidante anarquista, Pella Mateos. Uma Montenegro, de Madrid, sustentando os terribes mais desumanos que se possam imaginar. Montenegro foi detida em Barcelona, sendo mais tarde transferida para Valência. Durante um mês, suportou as espancamentos mais brutais. Montenegro é uma mulher que tem dedicado a sua vida à propagação das ideias libertárias, como a editoração de livros socialistas e jornais anarquistas. Durante a guerra ocupou um cargo no Município de Sagunto, comportando-se com dignidade, firme, comovendo a opinião de imprensa através do periódico "Esquema Livre", o qual ela mesma se encarregava de ser condenado à morte pelos tribunais franquistas.

APELO JAPONÊS AO POVO COREANO

Os anarquistas japoneses dirigiram o seguinte apelo ao povo coreano: "Chegou enfim para vós a hora de decidir os vossos próprios destinos. Se abandonardes o caminho traçado da vossa revolução política e social, se deixardes a vossa revolução da autoridade e do capitalismo...

Só há para vós um caminho possível. Vossa esperança é a existência de uma Coréia Livre, justa, federal — isso só poderá ser realizado se vós libertardes vobos mesmos. Tanto dos Jap. Que como do comunismo totalitário e de todos os demais poderes imperialistas. Expulsão de todos, e eleição a Coréia da povo trabalhador.

Os anarquistas do Japão, mantendo de todo modo corajosa que vos enforcadestes matando. Anarquistas em exilado, e esforçad-vos em construir uma Coréia para vos mesmos.

Nos vós ajudaremos nessa hora com toda a nossa força até à morte ou à libertação.

DESPERÇOS ANTI-FRANQUISTAS NO RIO DE JANEIRO

Um artigo publicado em um CEF comunista que durante a visita do vapor espanhol franquista Juan Sebastián Elcano ao Rio de Janeiro, grande número de marinheiros espanhóis desobedeceram de mesmo logo nos primeiros dias de sua estadia no grande porto do Brasil. O protesto foi bastante audaz, e os navios desceram de setecenta em 33.

Mais tarde, porém, desceram mais 24 espanhóis, perfazendo o total de 25, de modo que o barco espanhol foi obrigado a levantar âncoras com a sua tripulação espanhola. Os desobedientes declararam que haviam deixado o barco sob quaisquer condições de vida que estavam submetidos e em sinal de protesto contra o regime franquista. As autoridades brasileiras não tomaram nenhuma medida alguma contra os desobedientes.

INDEFESSANTES DECLARAÇÕES

El "Compueto", um dos mais conhecidos chefes comunistas e "generais" da Irigoin durante a guerra civil do Euzkadi, acaba de romper com Franco, segundo dizem os artigos de muitos outros que se haviam lido. Publica agora artigos na imprensa francesa e revela uma série de detalhes que, não obstante serem conhecidos, contém certo interesse para caracterizar a intervenção russa e a política burocrática da Espanha entre 1936 e 1939.

O Povo Italiano condena o Regime de Franco

Alí! — No mês de novembro do ano passado, um atentado foi cometido contra o consulado da Espanha franquista em Genova; os autores desse atentado eram três jovens anarquistas italianos que tinham a intenção de levar a cabo um ato de protesto contra o terror que reina na Espanha; Gaetano Busico, De Luchini e Mismusi. Foram presos imediatamente e o processo contra eles acaba de ter lugar em Genova. Dois militantes italianos que assistiram às sessões do Tribunal, publicaram uma nota detalhada sobre o andamento desse processo em "C. N. T.", de Toulouse, semanário de emigrados espanhóis muito conhecido. Depois de alguns dados ligados da informação publicada a esse respeito:

"Os acusados mantiveram no tribunal uma atitude firme e tranquila, digna da causa que profetizavam. Manifestaram-se bastante agrido com o propósito de levar a cabo um ato de protesto contra o terror franquista, que pretendiam demonstrar sua solidariedade para com as vítimas do sistema governamental espanhol e os companheiros espanhóis que combatem o regime de Franco. Gaetano Busico declarou, entre outras coisas:

"Era preciso fazer alguma coisa. Devíamos arrancar os homens da Espanha que os caracterizam e empuñados a lutar mais além, a lutar para um povo oprimido e acobardado; movei-os, induzi-os a um ato de protesto contra as perseguições franquistas.

Todos os acusados se pronunciaram no mesmo sentido, reafirmado, sobretudo, a sua profunda simpatia e amizade para com os seus companheiros espanhóis, os anarquistas e sindicalistas ibéricos. Depois o tribunal passou a interrogar grande número de testemunhas, que se pronunciaram sobre a ação dos jovens anarquistas e o fundo político-social da sua atitude. Entre estas testemunhas, encontramos a militante anarquista espanhola Frederica Montigny, que falou dos laços de camaradagem e de amizade que unem os jovens anarquistas de todos os países, porém, de uma forma empolgante, os espanhóis e italianos. A luta pela libertação da Espanha, disse, é idêntica à luta de libertação levada a efeito no Euzkadi.

O Sentido Artístico do Anarquismo

SOUZA PASSOS

Sempre fiz questão de frisar, em meus escritos desprezando, que considero o anarquismo um movimento renovador não apenas como solução de um problema operário, mas sim de todos os problemas humanos. Não é a reparação de uma injustiça, mas a expressão de todos os males que afetam a humanidade, e que se pretende com a realização de uma sociedade mais justa e mais humana. Por isso sempre me compreendi a indiferença de alguns anarquistas com relação às coisas de arte. Si a arte tem uma função social, como acertadamente diz Max Nordau, não podemos nós, os anarquistas, ignorar o sentido artístico do anarquismo, uma doutrina que visa justamente realizar uma concepção artística da vida!

A finalidade do anarquismo é, há uma forma prática, concreta, a todos os sonhos de beleza expressados pela arte. Quer dizer: o anarquismo tem por fim estabelecer uma sociedade de homens livres. Mas este conceito da liberdade não deve ser limitado no tempo e no espaço; quando dizem uma sociedade de homens livres pretendemos dar à frase todo o significado que ela contém. A liberdade não é a liberdade de consciência, de fé, em uma sociedade de homens livres, isto é, de seres livres, homens, mulheres e crianças, todos poderão sentir e manifestar a alegria de viver, não tendo pela frente as perspectivas da miséria nem a ameaça de quaisquer sanções obrigatórias e restritivas da liberdade de movimento. E aí está a realização da mais perfeita obra de arte: dar aos indivíduos a possibilidade de serem artisticamente livres, porque a arte tem por fim embelazar a vida, isto é, tornar a vida bela através das emoções cantadas e expressadas na obra de arte.

O conceito da arte pela arte, tão mal interpretado na obra de Oscar Wilde que teve a concepção mais elevada do sentido artístico do anarquismo, não deve ser tomada no pé da letra. A arte e a vida se confundem, em, mais aproximadamente, se fundem para a realização de um sonho de felicidade. O homem sente, através das manifestações das suas forças criadoras, desejos de viver a sua vida cativa e reatiza a obra de arte e a vida, dando ao homem a possibilidade de manifestar os seus sonhos e corporificá-los, tornando a vida bela e feliz, realizando o milagre de satisfazer as suas necessidades físicas.

Propositadamente citei Oscar Wilde, porque a interpretação que se tem dado à sua obra não parece errada. Quanto mais lido o livro "Intenções", mais fundamentos encontro na obra de Wilde a concepção de um sentido profundo da função humana da arte. "Estimulo" e o "Leque de Lady Macbeth", por exemplo, ultrapassam as concepções da arte pela arte que se lhes querem atribuir sentido crítico da moral social de uma época, que levou a aristocracia inglesa a condenar o poeta à prisão, tem um sentido anárquico, profundamente revolucionário.

Aí encontra-se a arte que o anarquismo, em sua essência e filosofia, tem uma função exclusivamente política, ou seja, a transformação da sociedade pela revolução social visando o arboreamento do Estado, sem se preocupar com as inovações artísticas nem se imbuir nas discussões sobre arte, pouco se importando ali a arte segue uma tendência renovadora ou si se fica nas linhas arcaicas do passado. Nada menos certo: esta é apenas a parte crítica-social, destrutiva, se assim quisermos, que poderia ser dispensada se fosse possível atingir a anarquia sem a necessidade da revolução. A verdadeira essência do anarquismo, a sua razão de ser, está na obra construtiva que se pretende a realizar: estabelecer uma sociedade humana onde todos tenham direito à vida e onde todos possam manifestar livremente as suas energias criadoras. E si está o sentido artístico de anarquismo.

Toda a obra de arte, pertença ela à escola que pertencer, tem uma função libertadora. O fato de constituir uma sociedade de personalidade, de ser a exteriorização de um estado emotivo do indivíduo, já é uma libertação. Mas quando a obra de arte atinge a perfeição capaz de provocar nas massas (massas humanas, não apenas massas operárias), a mesma emotividade sentida pelo artista que a produziu e criou, então a arte adquire uma função social, porque se torna construtiva coletiva.

E não conceito nada mais belo, elevado e artístico, do que o indivíduo livre, sentido a manifestando em suas forças criadoras na poesia, na música, na escultura ou em qualquer outra forma de expressão de sentimento pela arte, essa também não é uma arte, e retratado a realidade, essa estúpida engrenagem baseada nos preconceitos sociais e nos interesses do Estado.

Seduz o homem dono de si mesmo, da sua vontade, da sua produção, transbordando em sorrisos de prazer e alegria,

contemplando tudo e todos com a satisfação de um dever cumprido, encontrando nos outros homens a mesma força de expressão coletiva e uma coletividade assim enchendo a vida de felicidade!

Pois bem, este milagre de estética humana, de ética social, é o que se propõe realizar o anarquismo. A realização desse sonho humano de conquista da vida é que é a verdadeira essência da filosofia libertária, a finalidade concreta da revolução social, que não passa de mais um acidente provocado pelos obstáculos que o princípio de autoridade põe no seu caminho. Sejam eles: a revolução social não é um fim, é um meio. Entrou nas conjecturas do edifício desenhado, medindo, arquitetonicamente perfeito da futura sociedade, do mundo novo, apenas porque é impossível a construção desta sociedade sem a demolição das muralhas feudais da sociedade atual.

Muitos se apressam e impacientam, achando que os anarquistas, abstendo-se de tomar parte nos movimentos políticos e deixando que outros se sucedam nas tiranias do poder, estão perdendo tempo e demorando, conseqüentemente, a realização desse sonho. Mas os anarquistas sabem por experiência que isto não é verdade. Em todos os movimentos político-sociais que têm abalado os alicerces da tirania, os anarquistas tomaram parte, não para se apropriarem dos privilégios dos regimes tomando o lugar dos tiranos, mas para arrancarem algumas partículas de liberdade, minúsculos tijolinhos que eles vão juntando, persistentemente, para a construção sólida de uma vida nova! A história de todos os povos está cheia de exemplos de heroísmo e de abnegação nas lutas pela liberdade por parte dos anarquistas. O seu sangue muitas vezes derramado; os seus corpos sacrificados nas enxovias do capitalismo; os seus corpos esmagados nos convulsões dos movimentos revolucionários, não pela conquista do poder, mas para declarar, com suas vidas, o caminho da liberdade mais seguro e mais certo.

Eles estiveram nas barricadas da Revolução Francesa e deixaram, no monumento das reivindicações humanas, a página gloriosa dos Direitos do Homem; e muito antes, na época das terríveis filosofias da Grécia, seculos passados, passaram nas luzes cizeladas de Platão e discutiram a possibilidade de uma sociedade depois atingida praticar as doutrinas da liberdade de pensamento e de expressão, as doutrinas Romanas com as experiências dos irmãos Gracchi.

Em nossos dias, dentro do nosso século, encontramos nas lutas republicanas de Portugal, nos movimentos comunistas de Itália, no movimento abolicionista do Brasil, e, mais recentemente, marcando a glória própria da revolução espanhola, foram eles os anarquistas que fizeram o anarquismo, o espírito de rebelião em busca de uma realização de ética social, quem preparou e levou a cabo a Revolução Russa em cuja história ficou o episódio magnífico do movimento bakunista da Ucrânia.

Aqueles que leram o livro de Arthoff sobre essa terrível história de lutar a revolução russa, compreenderão como e porque foi possível a destruição da mais empolgante movimento de um povo para atingir a histórica e caminha da liberdade.

O anarquismo continua a sua marcha para a perfeição, procurando no horizonte o caminho mais certo para a concretização de um ideal humano. Faz-se sentir em todos os movimentos de ideias que tocam no objetivo e construção de um novo mundo: nas barricadas das lutas sociais contra todos os tiranos, nas colônias experimentais espalhadas por toda a parte, até mesmo nos desertos áridos da Patárvia, onde estão surgindo novas manifestações de vida livre em colônias artísticas do Vale do Enck.

Não estou anindo fóra do tema ao contrário, todas estas citações de fatos e coisas que se referem à participação dos anarquistas na vida social das povos têm o propósito de demonstrar que não têm razão aqueles que duvidam da eficácia destrutiva do anarquismo. Não é perder tempo lutar sempre. Não importa sobre os o caminho da concretização da espécie se realiza amanhã ou daqui a cem anos; o que importa é constatar que os anarquistas trilharam caminhos certos para a realização prática de uma sociedade humana que deverá ser um conjunto de harmonias coletivas. Contudo, tudo se tem feito, estando sistemas de ética e inspirando a vida dos povos e encorajando a fraternidade, estão realizando obras anarquistas. Eles não são culpados do aparecimento em suas concepções filosóficas das aproximações de seus ensinamentos que os transformam em utopias. A mesma forma, quando os anarquistas tomam parte em qualquer movimento revolucionário de caráter político-social e procuram imprimir-lhe o sentido de liberdade, fazem-no conscientes de que a sua atuação não é perdida, porque sempre alguma coisa fica no sentido da sua obra. (Conclui na pag. seguinte)

Causticos Sociais

Frauzi Dinssoly, um indivíduo que conta com varias passagens pela polícia, entrou no passado ano e dos mais limpos, procurou o juiz corregedor Murilo Mattos Faria, pouco antes do meio-dia de sexta-feira ultima.

E contou-lhe que ficou no mesmo ladrão. Andou por ali, trilhando o caminho do mal, aplicando alguns golpes, sofrendo constante perseguição ao policia. Depois, cansado de percorrer o mau caminho, cansado de ser preso em cada esquina da polícia, resolveu registrar-se. E foi o que fez há algum tempo, encontrando um emprego e passando a trabalhar honestamente.

FRANCO DE UM POLICIAL

Continuando no seu relato ao magistrado, contou Frauzi que se é verdade que a maioria dos elementos policiais, quando deliberou abandonar o vilageo insubordinado, desfilou em paz, alguns poucos continuaram perseguindo-o. E é por isso que compareceu ao Foro, a fim de fazer grave denúncia. Disse que fora abordado pelo investigador Orlando Ribeiro, contratado da Delegacia de Brasília, que lhe exigiu a quantidade de mil cruzeiros. Caso contrário, levá-lo-ia em estado de flagrante de investigação. Frauzi recusou, de todas as maneiras, mostrar ao policial que já não era mais ladrão, que se encontrava regenerado, trabalhando honestamente. As suas palavras e argumentos caíram em nada adiantando Orlando Ribeiro, desmascarando os seus intentos de "ataque", não mudou o seu ponto de vista.

"Só se a 'gaita' eu vai em casa". Isso que ali está é um nota de reportagem publicada pelo jornal "A Noticia" de São Paulo, no dia 12 de corrente, da mesma forma que foi publicado também por outros jornais. Mas estas coisas podem ser lidas quase todos os dias, porque isso é o Estado, a estrutura social do capitalismo, e organização social em que vivemos. A sociedade faz o indivíduo fugir-se por outro lado, põe-lhe a sanção de um policial a vigia-o constantemente. Para fugir a sua sanção, o indivíduo precisa fazer-se homem honesto e presente em um emprego. E, se perder o policial obriga-o do novo a ser ladrão para sustentar-lhe a família que está em miséria... Isso é o Estado!

O ódio! Serpente que semeia a discórdia e a morte entre os homens. Desde os primórdios da vida humana, este funesto sentimento se destaca entre todos os outros sentimentos comuns ao gênero humano.

Como causa primária da existência do ódio temos que destacar a posseção — propriedade privada — das coisas, bens, dinheiro, mulheres. Ódio do potentado contra a gente pobre. Ódio da gente pobre contra o potentado. Sempre ódio, portanto, e nunca sincera fraternidade! Isso se verifica em toda a parte, em cada coração, e muitas vezes faz de um homem um assassino.

O REINO DO ÓDIO

Corrói a mente e torna a Paz de um potentado um miserável, de um miserável um poderoso. Lançamos um olhar ao nosso redor abrangendo toda a Terra. Que vemos? Em primeiro lugar, os povos sempre, o ódio, os povos divididos em facções inimigas, odiando-se entre si. A serpente do ódio espalha o veneno das discórdias. Homens que se batem por interesses que não são seus. Ódio e hipocrisia são as bases das relações hu-

manas. Não obstante o desejo recíproco de exterminar-se, estipulam tratados de amizade cuja função é manter o domínio da humanidade.

Ninguém vê, e aqueles que veem fingem não ver; o gênero humano caminha para a catástrofe irremediável da destruição com uma inocência quase infantil, contragredora. A história, a de ontem, nada nos ensina; a história de hoje continua a registrar os crimes.

Arquivo "EDGARD LEUENROTH"

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
 CL-23 UNICAMP 11/26

responsabilidade das consequências de uma nova guerra, por causa do seu abstencionismo nas lutas político-sociais.

O dia em que uma serena de alarme se der fudez dos cantos por narcotizantes de calce e das preceções lamuriosas cantando hinos à paz, aquele será para mim um grande dia, porque lhes vou gritar nas faces: Do vosso fanatismo esportivo e religioso procurei agora fazer um abrigo para guardar-vos da chuva granítica das bombas destruidoras das guerras,

MARIO CARLI

SAO PAULO, FEVEREIRO DE 1951

ANO 33 — NUM. 31 (Nova fase)

A PLENITUDE

PELA LIBERDADE COM O ANARQUISMO

(Avulsos Cr\$ 0,50 — Assinatura: Cr\$ 90,00 — Caixa Postal, 5739)

Director-Gerente: EDGARD LEUENROTH

"A submissão dos trabalhadores ao Capital é a fonte de toda a escravidão política, moral e material".
 (Dos Estatutos de A. I. F.)

O Carnaval que Passou...

Bem, o carnaval que passou foi como todos os outros passados, e provavelmente como os carnavais futuros. O balanço dos males causados pela estúpida folia que nossoz três dias exteriorizada todas as paixões moribundas, vem acusado em todos os jornais de quarta-feira de chizus: acidentes, sufocamentos, incêndios, estragados, suicídios, e toda uma série de acontecimentos trágicos que passam pela crônica policial desses dias. Deixando de parte os três mil e tantos casos que sucederam somente em São Paulo e Rio, e apenas aqueles de que se conhecem os elementos pelos jornais há um que caracteriza perfeitamente a bestialidade da turba enfiada pela orgia carnavalesca: um homem que teve a infelicidade de cair quando passava um cordão, foi pisado por todos os componentes do mesmo que passaram gingando e cantando por sobre o seu corpo, deixando-o cadáver! Não havia naquele cordão uma só pessoa dotada de sentimento: apenas a frouca, a criminhosa loteria dos foliões se manifestou naquele conjunto de éguas da gargalhada, de mascarados assassinos. Passaram todos, e um homem ficava ali estendido, pisado, morto... Uma vida humana fora roubada aos afetos da família, talvez um pai que deixava filhos na orfanato, um marido que deixava a tristeza da viduete em um lar possivelmente feliz. Ninguém se preocupou com aquele homem que uma corja de assassinos fantasiados picou aos pés e matou. É assim o carnaval, cuja origem se perde nas ruínas de impérios construídos pelos braços de povos escravizados que sentiam nas costas sangrentas a sintonia de chicote e o uivam o gílgatar trágico, metálico, das pesadas correntes que atastavam a sua vergonhosa escravidão.

Alguém disse que nos três dias de carnaval todos tiram as máscaras... pois todos pretendem manifestar as suas tendências morbidas afivelando a máscara de rosto e descobrindo a da alma... De qualquer forma, o Carnaval deve ter uma origem bastante estúpida. Tudo nos manifesta, nos carnavalescos é brutal, animalístico, loucura! Tem-se a impressão de que a humanidade, nesses três dias de falsa alegria, de riso forçado, desanda a bailar a sarabanda lona do félicto reprimido exibindo-se no catástrofe psicopático das irresponsabilidades.

Filamente, observa-se no povo uma tendência bastante accentuada, no menos em São Paulo, de decadência dessa mistificação de festa popular. Parece que o povo adquiriu maior sentido de respeito a si mesmo e fica apenas espantado... o carnaval. Há como que a vergonha de ser esmagado em flagrante de bestialidade, e recelo de ser tomado em ridículo. Já não se fantasia, não se fantasia, sai à rua apenas por curiosidade, para ver os "bobos" que ainda são capazes

de o fazer. Desapareceram os corcos, as lutas de confissão e as serpentina e apenas um ou outro desconhecido passa empunhando, intacto, talvez vazio, um tubo metálico, dourado a púrpura, de longa-perfume...

As fantasias ficam nas vitrinas de algumas casas do centro da cidade, poucas, que ainda se aventuram a provocar no paulistano, um entusiasmo carnavalesco que já não sente.

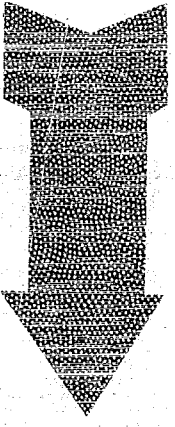
A gente enche as ruas. Mas enche-as de curiosidade, de feições cansadas de andar por aí à procura do carnaval que não encontra. É bom que isso aconteça, porque no futuro, na sociedade anarquista, não haverá carnaval. E não haverá carnaval por um razão muito simples: os homens não sentirão a necessidade de aproveitar apenas três dias por ano para manifestar uma alegria falsa, mascarar a dor com o rímus de gargalhadas cínicas. Livres, gozando a plenitude de uma vida feliz, eles poderão manifestar durante os séculos e sessenta e cinco dias do ano a verdadeira alegria, a alegria de viver em liberdade!

O presente clichê, reproduzido em fac-símile de um cartão postal distribuído pelas camaradas italianas, é uma contestação vigorosa às pessimistas e pessimistas que dizem que o anarquismo é um movimento sem expressão que vive apenas no momento de uns poucos visionários que andam no mundo da Lua!

Representa um quadro confeccionado com os cabeçalhos dos jornais anarquistas que se publicam em todo o mundo, incompleto, porque nele faltam algumas centenas de outros jornais e revistas que surgiram depois de 1918 e muitos outros cujo circulação foi temporariamente suspensa por causa das condições políticas dos respectivos países e que estão sob o domínio de ditaduras autoritárias.

É preciso ter em conta que nesse quadro figuram apenas os jornais que têm projeção internacional, não sendo incluídas as pequenas periódicos de zonas ou associações locais que refletem a orientação das respectivas

IMPRESNA ANARQUISTA DE TODO MUNDO



Problemas da Mulher

Um amigo me fez as seguintes perguntas: — Qual é a sua opinião sobre o trabalho feminino na vida social? Que aspiração anima a mulher na sociedade atual? Estas duas perguntas, a meu ver, se complementam e constituem um motivo suficiente de estudo para aqueles que se interessarem por estas questões.

A aspiração da mulher na sociedade atual, ditada pelo seu raciocínio, é a liberdade. Aspira à emancipação econômica e à liberdade de seus atos; quer e a liberdade de agir e viver integralmente.

É invejável que essas aspirações contem um... lastimo insólito de Justiça. Porém, devemos refletir que a noção exata de liberdade implica na realização de uma satisfação interior.

De tudo isso deriva a dissimilitude existente entre o anseio e a realidade. Por outra parte, a organização social capitalista se assemelha ao tonel das Danaides. Uma se precipitam sobre os outros movidos pelo impulso voraz de uelhar o conquistador e ser lugar ao sol, buscando no ser todo observados na voragem do desenvolvimento industrial.

A mulher deu a este apelo de liberdade o título de emancipação feminina, emancipação concreta, no fundo, com a emancipação em geral. Problema complexo e difícil; o problema feminino não se resolve a priori, a não ser mediante a possibilidade de encontrar um "homem ou uma mulher". Porque o

trabalho humano, que se oferece à observação, é composto apenas de sombras; sombras de mulheres e de homens... Emancipar-se, caros amigos e caros amigos, equivale a conhecer-se; portanto, emancipar-se implica tratar-se, conhecer-se, emancipar-se não consiste em "vencer" na vida, arruinando os outros e tornando de assalto os lugares já ocupados por outros. Nada disso. Semelhante conceito e inspiração pelo espírito que nos faz pensar na nossa emancipação econômica individual, no mesmo bem estar material, na nossa "independência". Mas, e os outros? E esta interminável procissão de seres humanos sacrificados ao Melchí da civilização?

O indivíduo pode ser verdadeiramente feliz, na sua ampla aspiração libertária, quando essa mesma liberdade não implique um sacrifício dos seus semelhantes. Do que nos serve que, de vez em quando, centenas de mulheres tenham conseguido posições "privilegiadas" quando a maior parte não sabem nem mesmo no que consiste a emancipação?

É um fato que neste regime autoritário, de concorrência econômica desleal, não há ninguém que se possa considerar verdadeiramente emancipado: nem entre os homens nem entre as mulheres.

Quando... alguns anos atrás — escrevi "Emancipação", falava em data a necessidade de que livres dos tentáculos "econômicos" da tutela de serviço doméstico, da escravidão das "coisas femininas". E trabalhava como professora para descurar sobre as costas de outras mulheres os serviços domésticos que me cabiam a mim. Bela emancipação!

Um certo autoritarismo que os "afetivos domésticos" sejam incompatíveis com a dignidade "masculina"... Não desejo que a mulher seja considerada uma servidora de homens. É evidente este culto pelo "macho" a menos que tal culto, em alguma coisa, seja um ato espontâneo. É absurda a prática das mães que tratam os seus filhos a servir os seus irmãos, como se os irmãos houvessem nascido com a marca do servidão.

Portanto, a mulher deve emancipar-se primeiro de toda a inferioridade social como de "coisas" pelo homem. Tudo tem um limite. Si na primeira infância, as crianças precisam de infinito cuidado, isto não é uma razão para que a mãe deva sentir-se obrigada, pelo "dever maternal", a sacrificiar-se pelos filhos incondicionalmente durante toda a sua vida. Na pequena infância e no problema da mulher é escarva dos "deveres domésticos" e da maternidade autoritária, no posto de não a deixarem respirar com liberdade, porque por mais que faga, está sempre sob o peso das exigências da casa e dos filhos.

Tanto o macho como a fêmea têm necessidades corporais; portanto, o esforço deve ser pessoal, tendo em vista a necessidade da própria subsistência, assegurando a própria higiene e harmonia orgânica.

Este é o caminho. Porém... Não sabemos, todavia, o que é o caminho da liberdade. Mas preferimos ser operários, viver sujeitos a necessidades básicas, expor-nos a ser vítimas da civilização industrial. Todos os distúrbios psicológicos são superadas e verdadeiras. A vida será simples, graças às vantagens do verdadeiro comunismo, se cada um conhecer o valor do esforço e souber adaptar-se a máquina: "Assim os outros como a máquina".

M. L. H. (De "Batalha do Trabalho")



Aspreções cuja projeção não ultrapassa as fronteiras.

Não é fácil reunir, quanto se pretende fazer um trabalho desta ordem, todos os elementos existentes espalhados não só por todos os países, mas ainda nos mesmos longínquos rincões de cada país. Basta que o leitor, como uma falha dos seus organizadores, que nesse quadro não aparecem nem mesmo os jornais "A Plebe" e "Agdo Direto" do Brasil, nem esquecer dos muitos jornais que se editavam em Portugal, como por exemplo, "A Batalha" e "A Camarada", a revista "Avance", todos eles de pretição internacional. Em todo caso, não deixa de ser uma tarefa bastante árdua a publicação das ideias anarquistas, se calcularmos os milhares de pessoas, leitores desses jornais, que se encontram e matrem, dentro da mesma linha de conduta independente, exigido sem a materialização da publicidade, com o produto do esforço de esforço no trabalho, das contribuições e cooperação dos anarquistas.